

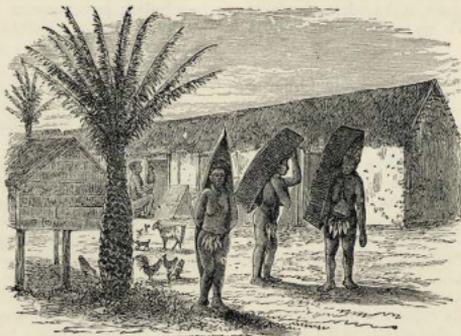
PESCADORAS AFRICANAS

Além dos grandes lagos, mais ou menos conhecidos, o interior d'África possui numerosos rios e ribeiras, onde o peixe é abundante. Os pretos aproveitam-se largamente d'esse producto natural, que constitue um dos seus melhores alimentos.

Não só os homens se entregam ao trabalho

Nas margens fragosas crescem os mais lindos fétos e musgos, como que servindo de tapete a arvores collossaes, cujos ramos se entrecruzam de margem para margem, formando um perfeito arco de verdura sobre o riacho.

Ha tambem pescadores de officio, que vão vender o peixe a muitas leguas de distancia. Na



As pretas indo para a pesca

da pesca, senão tambem as mulheres, mais talvez do que elles. E não deixa de ser curioso o modo porque as pretas fazem as suas pescarias. Na foz de cada ribeira, edificam por meio de troncos de arvores, não muito grossos, uma especie de dique, com aberturas conicas de espaço a espaço, á similhança dos buracos das ratoeiras de arame.

Quando as aguas começam a baixar, o peixe procura descer para o rio. Então as mulheres vão pescar da seguinte maneira. Despem os aventaes de palha, substituindo-os por largas folhas verdes; pegam n'uns enormes cestos, alguns de sete pés de comprimento, por dois de largura e dois e meio de fundo, feitos de canna em tiras, e vão collocal-os nos buracos da represa.

Começa então a grande frescata. As pretas pescadoras entram na agua e tratam de enxotar o peixe, o qual, assustado, corre para a parede do dique, e não tendo outra sahida além dos taes buracos, enfia-se por elles, ficando engaiolado dentro dos cestos, arteiramente collocados.

Não é facil de descrever a algazarra, os gritos, as gargalhadas, a inferneira, finalmente, das alegres pretinhas quando se entregam áquelle trabalho, que muito as diverte.

Geralmente, apanham grande porção de peixe, e como não pôdem consumil-o fresco, seccam-n'o ao ar, depois de o escalarem.

Algumas ribeiras são notavelmente formosas.

gravura seguinte se reproduz um dos typos d'esses pescadores.



Peixeiro murua

UM ADIVINHO Á FORÇA

Conclusão)

Karam-Bou-Lady enviou immediatamente alguns criados a averiguarem o caso. Momentos depois, os servos voltaram muito chorosos, confirmando o que dissera o adivinho.

— O nome dos assassinos?... — exclamou o sultão explosivo de raiva e de dor.

Ali fingiu meditar profundamente. Tão grande era o silencio que se seguiu, que poderia ouvir-se o voar d'uma mosca. Todos esperavam ansiosos a terrivel revelação.

Ali declarou finalmente:

— Os assassinos foram o magnate Omar e os seus partidarios. Commetteram o crime na intenção de Omar conseguir ser nomeado grão-visir.

O sultão, pallido, commovido, não proferiu uma unica palavra; estendeu o braço, com a mão aberta, e com gesto violento cortou o espaço da esquerda para a direita.

Bach-Siaf, o guarda privado do sultão, comprehendeu perfeitamente o gesto energico de seu amo. Agarrou pela nuca o infame e cruel Omar, e antes que elle tivesse tempo de dizer ai! cortou-lhe a cabeça, que foi cahir aos pés do sultão.

Então Karam-Bou-Lady voltou-se para Ali e disse-lhe:

— Nomeio te Bach-Guezaun, isto é, adivinho da cõrte, com a dignidade de *mamamouchi* de primeira classe.

Em seguida, ordenou a um camarista que desse a Ali um palacio, ricas vestimentas, soberbos cavallos, e que lhe enchesse os bolsos de oiro.

Ali julgou estar sonhando; o proprio Ben-Douda nunca esperou que fossem tantas as graças.

Quando o bõbo se encontrou só com Ali, disse-lhe:

— Estás nomeado adivinho da cõrte, e n'essa qualidade tens que satisfazer diariamente os caprichos do sultão.

— Ah! é que me doe! — suspirou Ali. — Que hei de eu fazer?...

— Com audacia tudo se consegue; e depois, estarei ao teu lado para te auxiliar; como o sultão não tem segredos para mim, communicar-te-hei de antemão os seus desejos e indicar-te-hei as respostas que deves dar; mas isto com uma condição.

— Qual é?

— E' que terei parte em todos os favores que receberes.

— Com mil vontades.

Desde este momento, Ben-Douda tornou-se o auxiliar do grande adivinho da cõrte, de modo que Ali conseguia sempre responder ás perguntas do sultão.

Comtudo, um dia ficou bastante embaraçado.

Karam-Bou-Lady, que era tributario da Su-

blime Porta, recebeu uma missiva do Grão-Turco que o deixou bastante pensativo. Mandou logo chamar o adivinho.

— Grande adivinho, — interrogou elle — que pensa n'este momento o Grão-Turco?

— O que vós pensaes — respondeu Ali sem hesitar.

— Sabes por ventura no que eu penso?... — voltou furioso o sultão, que tomou como ironia a resposta de Ali. — Penso em fazer-te cortar a cabeça, insolente!

— Já vêdes que adivinhei.

— Adivinhaste?! Então julgas que o Grão-Turco tem equal pensamento?

— Julgo, alteza.

— De facto, — disse entre si o sultão — o tom da sua mensagem era positivo. O caso é grave... vou consultar o grão-visir.

D'outra vez, tendo sido roubado o thesouro do estado, o sultão exigiu que o grande adivinho descobrisse os ladrões.

— Concedo-te tres dias para os encontrares; se no fim do terceiro dia, á hora em que o *muezzin* chama os fieis á oração, não tiveres descoberto os culpados, mando-te cortar a cabeça.

O pobre Ali julgou-se o mais infeliz dos homens; a opulencia em que vivia não compensava os terrores continuos que o assaltavam.

Regressou muito triste ao seu palacio, e sentado na fõfa ottomana da entrada da porta, fumando no seu *chibouk*, reflectia sobre a miseria das coisas humanas, quando ouviu o *muezzin*, com o seu som agudo, chamar os fieis á oração da tarde.

— Lá vae um dia! — murmurou elle com profundo suspiro.

No dia seguinte, estando igualmente a meditar, ouviu de novo o *muezzin*.

— Lá vão dois dias! — suspirou o misero.

Finalmente, ao terceiro dia, resignado com a morte proxima, exclamou de repente, ao ouvir o fatidico *muezzin*:

— Deus seja louvado! Lá foge o terceiro! Está tudo acabado!

Mas no mesmo instante, um homem que ia passando e que o ouvira, prostrou-se diante d'elle para lhe beijar a mão.

— Senhor! — disse-lhe o homem em lagrimas — já que nos descobriste, não nos percas! Vejo que adivinhaste que sou eu o terceiro cumplice... Não nos denuncies, e dir-te-hei onde occultamos o thesouro do sultão!

Como é facil de suppôr, Ali prometteu tudo, e o ladrão indicou-lhe o sitio onde estava o roubo.

Quando os guardas vieram para o prender, Ali fez-se conduzir á presença do sultão.

— Chegou a hora fatal — disse-lhe este.

— Ainda não! — redarguiu Ali — o dia não expirou ainda.

— Mas o *muezzin* chamou já os fieis.

— No reino do propheta a noite legal só começa quando não se pôde ver uma pulga nas costas de um negro, e eu comprometto-me a descobrir o thesoiro antes que o sol desapareça do horisonte.

— Deveras!? — exclamou o sultão radiante de alegria.

Ali conservou-se pensativo um momento; depois ergueu solememente a cabeça e exclamou:

— Os ladrões occultaram o thesoiro n'um velho poço entulhado que se encontra no jardim abandonado do convento dos derviches! E agora, príncipe incrédulo, atreve-te a levantar a mão sobre aquelle que o grande Allah inspira continuamente para teu proveito!...

O sultão enviou ao lugar indicado os seus officiaes, os quaes lhe trouxeram o precioso thesoiro intacto.

— Ó meu filho! — exclamou n'um impeto de reconhecimento o soberano de Samarkande — pede-me o que quizeres!

— Alteza, o meu desejo mais querido é não continuar a ser o vosso adivinho.

— Isso é que eu te não concedo! Os teus serviços são preciosos! Tudo te darei, menos a demissão do lugar.

Ali resignou-se, e o sultão, para o consolar, encheu-o de novas honras e riquezas.

Durante algum tempo, Ali conservou-se nas boas graças do soberano, que pouco o importunava; mas em breve voltaram os caprichos do príncipe; raro era o dia que não lhe propunha alguma adivinhação, ameaçando-o de morte senão acertasse.

O pobre Ali andava n'um continuo tormento; a vida tornava-se-lhe insupportavel.

Todas as semanas o sultão tomava um banho official n'uma velha estufa do palacio. Rodeado pelos grandes dignitarios da côrte, em calçotas de banho, procedia ás grandes abluções da sexta feira, que é o domingo dos musulmanos, antes de se dirigir á mesquita.

Um dia em que elle tinha ameaçado de morte o pobre Ali, a proposito d'uma adivinhação qualquer, obrigou-o a ir assistir á cerimonia lustral, dizendo-lhe:

— Se antes de eu sahir do banho não tiveres adivinhado, hoje mesmo ficarás sem cabeça.

Desesperado por tanta crueldade, Ali, para quem a vida era já um peso, precipitou-se sobre o sultão e applicou-lhe um bom par de bofetadas, fugindo em seguida.

Como é facil de imaginar, o sultão, no auge do desespero, correu em perseguição de Ali, seguido por todos os grandes dignitarios da côrte, em fato de banho!

Apenas, porém, transpôz a porta da estufa, o tecto abateu, esmagando alguns servidores meos ligeiros.

— Milagre de Allah! — exclamou o sultão ao presenciar a catastrophe. — Vem a meus bra-

ços, ó impagavel Ali! És o maior adivinho do mundo, e o mais imaginoso dos servidores! Senão fossem as tuas abençoadas bofetadas, que me obrigaram a correr atraz de ti, eu de certo ficaria debaixo das ruínas!... Juro por Mahomet conceder-te hoje tudo que me pedires!

— Alteza! — disse Ali — imploro por unica recompensa a graça de deixar de ser o adivinho da côrte.

Karam-Bou-Lady ainda abanou um pouco as orelhas, mas como jurara pelo nome do propheta, concedeu a graça pedida.

Desde então, Ali, cheio de honras e de riquezas, foi o homem mais feliz de Samarkande.

O lugar de adivinho na côrte do sultão Karam-Bou-Lady continua vago até esta data. Ficam prevenidos os meus leitores. Se o lugar lhes agrada, aproveitem em quanto é tempo.



AVO E NETA

A avó andrajosa e tremula
Faz mover a dobadoura,
Assentada ao pé da neta
Pequena, rosada e loira.

Crianças querem creanças.
Esta só tem... a velhice.
Por isso, em havendo enseo,
Ri de qualquer creancice.

Uma noite, na meada
Que a triste avó dobava,
Poz uma flôr que tremia
A cada volta que dava.

E não houve n'essa noite
Fazer com que se deitasse
Sem vér despensar-se a rosa
Quando a meada acabasse.

Foi gemendo a dobadoura
Com tristonha rotação,
Até que, finda a meada,
Cahiú a rosa no chão.

A neta largou a rir,
A avó beijou-a chorosa,
Por se lembrar de que a neta
Era irmã d'aquella rosa.

Dobado o ultimo fio
Da vida, que á avó se esconde,
A pobresinha da neta
Cahirá Deus sabe aonde...

E a neta adormeceu rindo,
E a avó a chorar a espreita.
Já se ouviu cantar o gallo,
E ainda a avó se não deita.

ALBERTO PIMENTEL.



VERSOS AO JULIO

A PRETA PRETENCIOSA

D. Clara e seu marido
 'stão prompts; não falta nada :
 Ella, de rico vestido,
 Elle de farda bordada.

— Vamos p'ra o baile ! diz elle,
 Que apressado as luvas calça ;
 Já sinto ferver-me a pelle,
 Pula-me a perna p'ra a valsa.

Volve ella : — Um momento só !
 Tenho tão preta a carranca...
 Preciso um pouco de pó
 A ver se fico mais branca...

Depois p'ra o cabelleiro :
 — Não acha que estou tão preta ?
 O pó de arroz tem bom cheiro ?
 E de jasmim, ou violeta ?

— É violeta e da melhor,
 Responde o mestre á carcaça ;
 Queira limpar o suor
 P'ra a coisa não fazer massa...

E continua ladino
 Em quanto a bola apetrecha :
 — Verá que cheiro tão fino
 Lhe vaie ficar na bochecha...

Isto dito, sobre a cara
O pó á farta lhe pôz,
Até ver que já gastara
Um kilo de pó de arroz !

Mas por mais pó que o rapaz,
Sobre as bochechas lhe assenta,
O muito que o pó lhe faz
É transformal-a em cinzenta.

A preta, que suppozera
Que ia ficar branca e linda,
De furor se desespera
Ao ver-se mais feia ainda.

E o preto de olhar terrível
D'esta fôrma a desconpol-a :
— Até parece impossivel !
Preta, velha, feia e tola !

— A ter vaidades se atreve
Quem é preta como breu !...
Ficaste branca de neve,
Ficaste um bom camafeu !

Quer pintada a branco ou rubra
Jámais illudes alium,
Pois nada existe que encubra
As pechas de cada um...

D. MARIA DO Ó.

DIALOGOS INSTRUCTIVOS

O LINHO E O CANHAMO

(Continuação)

— O trabalho de grammar ou espadellar, faz-se batendo na planta com uma grammadeira ou espadella de pau. Depois de repetidas pancadas com este instrumento, só fica nas mãos



Põem na roca de canna uma porção de linho...

do trabalhador uma boa réstea de linho, porque a debil casca tem cahido no chão aos bocados. Entretanto, para que o linho fique mais puro, passa-se ainda por um pente de ferro, chamado sedeiro. Depois do linho estar completamente limpo, não ha mais senão fial-o.

— Effectivamente — observou Octavio — vi as criadas da quinta a fiar o linho ao serão. Essa operação já eu conheço, e olha que é engraçada. Põem na roca de canna uma porção de linho, e a pouco e pouco o vão torcendo com os dedos, indo o fio enrolar-se no fuso, até se completar a massaroca. Outras, além da roca, tinham tambem uma roda, que faziam mover com o pé, e a qual ia torcendo o linho á proporção que as mulhersinhas o desprendiam da

roca. O linho assim torcido torna-se n'um simples fio, que se vaie enrolando n'um fuso preso á engenhoca onde está a roda. Este processo será melhor, mas o outro, em que não entra senão a roca e o fuso, é muito mais engraçado.

— Muito bem, sr. estudante, vejo que sabe como se fia — disse Thereza; — e como se tece tambem sabe?

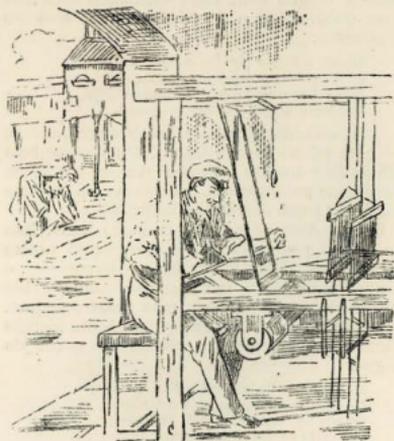
— Não; e desejava saber.

— Pois então vem commigo.

A Therezinha encaminhou-se para uma casa da aldeia, de miseravel apparencia.

— Mestre Jacques — disse ella ao entrar na tal casa — o meu primo Octavio desejava ver como se tece o linho. É possivel?

— Ora essa, minha querida menina! — exclamou o tecelão. — Venha aqui para ao pé de mim, meu menino. Em poucas palavras lhe explico o segredo do officio. Deve saber que todos os tecidos são formados por um conjunto de fios entrecruzados. Para obter este cruza-



... sento-me diante do meu appareho e ponho o pé sobre este degrau.

mento, começo por enrolar n'um cylindro muitos fios de comprimento equal, postos ao lado uns dos outros. Depois, prendo a extremidade dos fios n'um outro cylindro, e estendo os horizontalmente.

Os fios, assim estendidos, formam o que se chama a cadeia do tecido. Feito isto, sento-me diante do meu apparelho e ponho o pé sobre este degrau. Immediatamente começam em movimento esses como caixilhos moveis, compostos de fios verticaes e que teem o nome de cadilhos.

Estes cadilhos são collocados de maneira que levantam metade dos fios da cadeia, ou urdume, e abaixam a outra metade, o que faz abrir uma passagem entre os fios estendidos. Eu então aproveito-me d'aquella abertura para metter um fio livre, com o auxilio d'este instrumentosinho que se chama lançadeira. Apenas o fio atravessa a tal passagem, eu levanto o pé, e no mesmo instante os fios da cadeia que estavam levantados, vem para baixo, e os de baixo vão para cima, ficando então preso entre os fios estendidos o fio que eu acabei de metter. Repito o mesmo trabalho, movendo a lançadeira alterna-

damente da direita para a esquerda, e da esquerda para a direita, e de cada vez o fio movei que a lançadeira conduz fica enlaçado pelos fios da cadeia, e fórma o que se chama a urdidura. Percebe?

— Percebo; — respondeu Octavio — o senhor faz com a lançadeira o que a mamã faz com a agulha quando cose.

— Justamente —olveu o tecelão em tom approvativo. — Com a ajuda d'este mechanismo bem pouco complicado, posso entrecruzar os fios de modo a tornar o tecido mais ralo ou mais apertado. Quanto a grossura do panno, não depende de mim: depende dos fios empregados serem mais ou menos grossos; com o fio de linho, faço o panno para toalhas e guardanapos, com fio de estôpa teço a serapilheira.

— O que é estôpa? — perguntou Octavio.
— São os restos do linho depois de penteado no sedeiro. Com a estôpa fazem-se pannos grosseiros, e principalmente cordeis e cordas.

(Continúa.)

LUIZINHA OU O DIA DE ANNOS

(PHANTASIA)

POR MARIA RITA CHIAPPE CADET

Luizinha era uma menina que, sem ser bonita, tinha a meiguice e a graça propria das creanças quando são boas.

No dia em que completava seis annos, levantou-se logo de manhã cedo e foi bater á porta do quarto da mamã; esta assim que a ouviu, disse-lhe que podia entrar.

A pequenita então trepou acima de uma cadeira e repetiu entre muitos beijinhos e caricias uma quadra que o tio Alexandre lhe ensinara dias antes:

Mamã, é hoje o dia dos meus annos
eu quero um presentinho, quero, sim.
Não sejam só lembrados os meus manos,
que fique alguma prenda para mim.

— Bravo, diz o papá a sorrir e entrando de pé ante pé no quarto. Bravo! Ouvi muito bem allí de fóra a nossa Luizinha; merece que se lhe dê alguma cousa, mas é preciso que ella mesma escolha. O que descjas tu, minha filha?

O tio Alexandre tinha ensinado mais duas quadras á pequenita, e ella estava com pressa de as dizer. Depois de abraçar ternamente o papá, continuou a sua recitação sem que aos versos decorados faltasse uma palavra sequer.

Luizinha não se enganava por cousa alguma d'este mundo; sabia o recado na ponta da lingua.

Eu soube as lições bem toda a semana.
Nos cadernos não ha nem um só mal.
Dê-me um vestido azul de tarlatana,
enfeitado de flores no avental.

— E que tal? — disse a mamã, fingindo-se admi-

rada. Não vem a Luizinha a querer vestidos de baile?! Mas para quê, se tu não vaes á noite a nenhuma parte?

Era occasião de responder com a terceira quadra. A boa menina acabou por tanto a recitação da fórmula seguinte:

Eu quero tudo, tudo quanto vejo
levar a mamãzinha quando sahe.
Vestir-me como ella é meu desejo
e ir aos mesmos bailes onde vae.

O papá, que era poeta como o tio Alexandre, e que já tinha até feito um livro de versos interessantes, muito gabados por serem de improviso, replicou-lhe com graça:

Filhinha, esses enfeites de que fallas,
não são inda pra ti, pequena 'stás.
Um dia, nos theatros e nas salas,
em sendo já senhora os usarás.

Luizinha não esperava aquella resposta e ficou pasmada. O tio havia-lhe só ensinado a pedir o vestido e não prevenira tal eventualidade. Apesar d'isso não se quiz dar por vencida, pensou um bocadinho e disse timidamente:

Papá, mas a menina hoje faz annos
e quer um presentinho receber...

N'este instante chegavam Augusto e Carlos á porta do quarto. A pequena poetisa viu-os, percebeu que os irmãosinhos se riam d'ella e acabou com um ar meio amuado:

Lá vem agora entrando os meus dois manos
e ri-se-hão talvez do que eu disser!...

Uma explosão de bravos acolheu o final da quadra, e o papá, achando immensa graça á brincadeira, assentou-se n'um sophá que havia no quarto, e tomou a menina entre os joelhos, dizendo-lhe meigamente:

— Vamos, minha filha; pede alguma cousa á mamã em verso; arranja ainda uma outra quadrasinha para nós ouvirmos.

Luizinha tornou a pensar, baixou os olhos, envergonhada, e foi dizendo muito devagar, com medo de que se rissem d'ella:

Offreça-me uma prenda mamásinha
uns brincos, um relógio, alguns aneis.

A mãe então, abrindo mais as cortinas de cassa do leito, disse:

— Visto que a mania de fazer versos atacou hoje todos n'esta casa, é preciso responder no mesmo tom á nossa filha:

Que queres, inda mais? Tu és louquinha,
não sabes que os teus annos são só seis?...

— Dê-me, minha mamã...

Uma criada que n'esta occasião entrava, veiu interromper o interessante dialogo. Queria ella participar aos amos que uma pobre familia de musicos ambulantes, composta de pae, mãe, e quatro criancinhas, estava no pateo da casa, pedindo esmola.

Como era boa rapariga e queria excitar o interesse dos senhores, acrescentou á narrativa estas palavras proferidas com verdadeira compaixão:

— Elles tem umas carinhas de fome. Coitadinhos; são tão rotos, tão miseráveis!...

Luizinha, ao ouvir isto, desprendeu-se do papá, correu ligeira para junto do leito da mãe, e disse-lhe batendo as mãosinhas:

Não quero enfeites já; é bem differente
o que á minha mamã vou supplicar;
tem fome e pede esmola aquella gente?
pois bem: vamos nós dar-lhe de jantar.

O papá, entusiasmado, agarrou a filhinha ao collo, deu-lhe muitos beijos, assentou-a sobre a cama da mãe, que a encheu de caricias, e levou-a depois em triumpho para a cosinha, onde mandou dar uma abundante refeição aos pobres saltimbancos. Sabendo estes, pelos criados, que deviam á generosa menina aquella esmola, partiram abençoando a sua bemfeitora e pedindo a Deus que lhe desse uma boa sorte.

É natural que esta sincera prece de gratidão fosse escutada, e que Luizinha fosse de futuro muito feliz, o que sei ao certo é que n'esse dia de tarde, quando foi ao passeio, levava nos braços uma linda boneca, d'estas articuladas e que dizem *papá e mamã*.

O TIGRE

(Continuação)

«Como se deixou elle cahir nas garras da fera?...

«Como se livrou d'ellas, é o que ha de perguntar, acudiu Gutierrez.

«Eu lhes conto:

«O puma tornou a deitar-se! exclamou Perdríel.

«É um paz d'alma, disse Wilson, e continuou:

«Voltando da povoação, aonde fóra fazer umas compras, sentiu o bom do moço atraz de si uma como roçadura pelas urças, que o fez desconfiar. Antes que se pudesse voltar para se informar da causa do ruido, sentiu-se agarrado e derribado com força tal que perdeu de todo o conhecimento. Foi só quando chegou defronte da tenda que tornou em si por effeito do estrondo de um tiro de espingarda e de uma especie de repellão na coxa. Teve então consciencia do perigo que corria. Não desanimou contudo; mas antes começou desde logo a formar um plano para se salvar; e, se bem que levado rapidamente, reconheceu que a bala da sentinella, em lugar de ferir o tigre, o ferira a elle, pois sentia que perdia muito sangue. Em tão terrivel conjunctura, occorre-lhe que tinha a baioneta no cinto, e reflecte que, se conseguisse tiral-a, poderia escapar á horrorosa morte que o esperava. Não sem difficuldade levou com toda a precaução o braço atraz, e achando a arma diligenciou arrancar-a da bainha; mas estava em tão má posição que não o conseguiu. Imagine-se o susto que então se apoderou d'elle. Julgou-se perdido. Tenta um ultimo esforço; reunindo todas as forças que ainda lhe restavam, desembainha a arma e enterra-a immediatamente na espada do monstro. O animal deu um salto para o lado e os olhos fazeiram-lhe, que era de metter medo. Largou o rapaz, mas logo o tornou a agarrar um pouco acima do quadril, o que por um triz o ia suffocando. A mudança de posição offereceu-lhe um bello ensejo de matar o tigre e resgatar a vida. Deu-lhe umas poucas de baionetadas entre as espadas, e tão profundas quanto a baioneta podia penetrar. A fera cambaleou e cahiu. Estava salvo. Levantou-se. O animal tambem se ergueu e diligenciou ainda agarral-o; mas tornou a cahir e rebolou lhe aos pés. O moço tinha agora a vantagem sobre o inimigo derribado e aproveitou-a. Enterrou-lhe a baioneta no lado e atravessou-lhe o coração.

«O meu amigo Wilson é um dos homens que eu mais respeito; mas dá-me licença que duvide um pouquinho...

«Não, meu caro Gutierrez, porque eu fui testemunha do facto, respondeu o inglez com summa gravidade.

«Realmente, é assombroso! disse Cobo.

«Assombroso é o que se está passando em nossa presença, exclamou Perdríel, que nunca desviara a vista do cuguar.

«Que é? perguntou Wilson.

«Um homem approximar-se do puma, passar-lhe a mão pelo lombo e sentar-se ao pé d'elle muito tranquillo!

(Continúa)

FRANCISCO DE ALMEIDA.



CONCURSO DE DESENHO

Fomos infelizes com o primeiro concurso que apresentamos. Expirou o prazo, que era o dia 15 do corrente, e nenhum desenho recebemos. Será isto resultado de pouco amor pelas bellas-arts, ou por mal entendida timidez? Preferimos acreditar na segunda hypothese. Os srs. professores deveriam ter estimulado os seus discipulos a concorrer, porque era mais um motivo para proveitosa applicação.

Estes concursos são vulgarissimos em França, e nunca faltam oppositores. Portugal caminha, mas não perdeu ainda o habito do antigo churrão.



ALEGRIAS

Passeavam pelo jardim, ao entrar da primavera, mulher e marido.

A mulher — Olha, as rozeiras já teem botões!
O marido — Pois estão mais ricas do que as minhas camisas!

Vê-se que a esposa não era modelo de donas de casa.

N'uma audiencia correccional.

Juíz — (ao réu). Levante-se. Como se chama?

Réu — (levantando-se). Bem se vê que V. Ex.^a é novo aqui: Os outros seus collegas já todos me conheciam; não precisavam perguntar-me o nome.

Dois donos de casas de pasto disputavam entre si primasias.

Dizia um:

— Os meus jantares de seis tostões tem quatro pratos, e os seus só teem tres.

Responde o outro:

— É verdade; mas em compensação, dou quasi sempre dois vinhos diferentes.

— Ora que novidade! dá o segundo vinho porque os freguezes lhe regentam o primeiro!

Um dialogo muito rapido. Os momentos são preciosos.

Um dos interlocutores interrompendo-se:

— Espere um momento; vou-me assoar.

O outro:

— Não é preciso. Continue, que eu me assoo. Não podemos perder tempo.

E assoou-se em logar do outro.

HORAS ENTRETIDAS

132 — CHARADA

Sou do verbo uma pessoa — 1
E pertengo ás melhores flores — 2
Vivo no opprobrio e miseria
Supportando mil horrores.

Vizeu

133 — CHARADA

Ao perguntar-me se és bella }
Eu assim te respondi: }
E tocando na segunda }
Logo a fechadura abri } 2

E tomando uma moeda
Que na gaveta guardara,
Satisfiz um sentimento
Que a caridade dictara.

Lisboa

AS TRES SALATINAS

134 — CHARADA NOVISSIMA

Este signo e esta cor é um animal — 2 — 2

FLOR DE LOUROSA.

135 — CHARADA NOVISSIMA

Este animal é pronome, pronome, pronome, e arvore de Angola. — 1 — 1 — 1 — 1

Vizeu

BÉBÉ.

136 — CHARADA NOVISSIMA

Levanta-se e caminha este poeta — 1 — 1

Vizeu

O PEQUENO ANTONINHO.

137 — CHARADA NOVISSIMA

Comi alegre esta ave — 2 — 2

Vizeu

TRAVESSO & C.^a

138 — CHARADA NOVISSIMA

Esta fructa alem é appetecida — 2 — 1

Monchique

CUNHA & C.^a

139 — CHARADA TRIFLICE

Animal, peso e moeda — 2

Vizeu

BÉBÉ.

140 — PERGUNTA INOCENTE

(A CUNHA & C.^a)

Ó meu Cunha e companhia
Habitante do Algarve,
Crea vossa senhoria
Que não sou nenhum alarve.

E d'isto fique sciente,
Para então me responder
A' pergunta innocente,
Que eu hoje lhe vou fazer.

Qual a villa portugueza
Na provincia conhecida
Que dá tom e fortaleza
Depois de um dia de festa?

Vizeu

O PEQUENO ANTONINHO.

SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS

123, Salpicão — 124, Nove (ix) — 125, Simphoriano — 126, Espargo — 127, Girafa — 128, Caparosa — 129, Chaves — 130, Deus. 131,

6	7	2
1	5	9
8	3	4